

[ROTEIRO DE CINEMA]

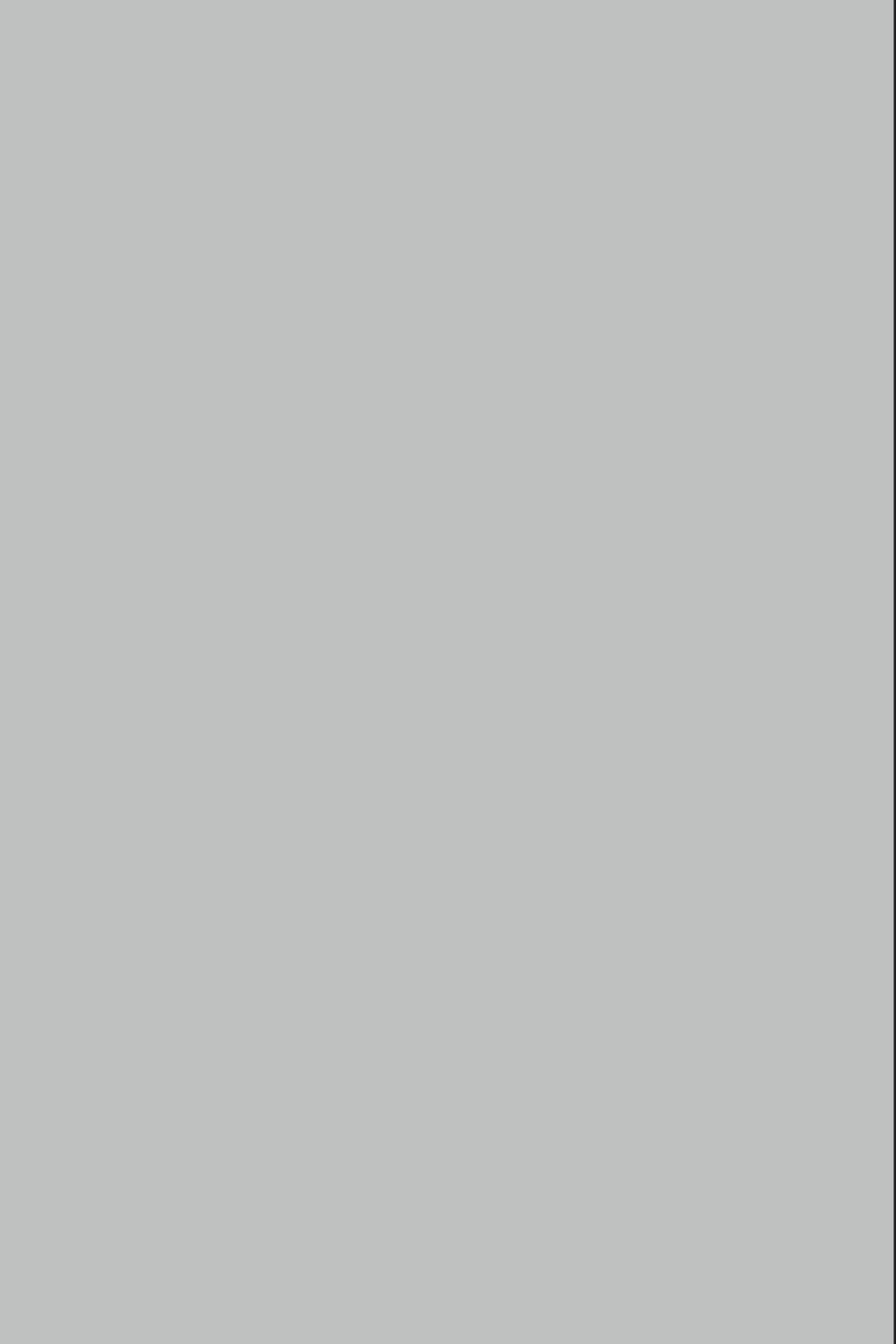
AGONTIMÉ

Larissa Figueiredo

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**





AGONTIMÉ

ARGUMENTO E ROTEIRO ESCRITOS POR
LARISSA FIGUEIREDO



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



COPYRIGHT © 2025 BY LARISSA FIGUEIREDO

Título: **AGONTIMÉ**

Linha literária: **ROTEIRO DE CINEMA**

Rodrigo Guedes

Design de capa

Tâni Falabello e Paula Vendramini

Revisão

Lhaisa Andria

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Figueiredo, Larissa

Agontimé / argumento e roteiro escrito por Larissa Figueiredo. -- Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-30-7

1. Teatro brasileiro I. Título.

25-254287

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

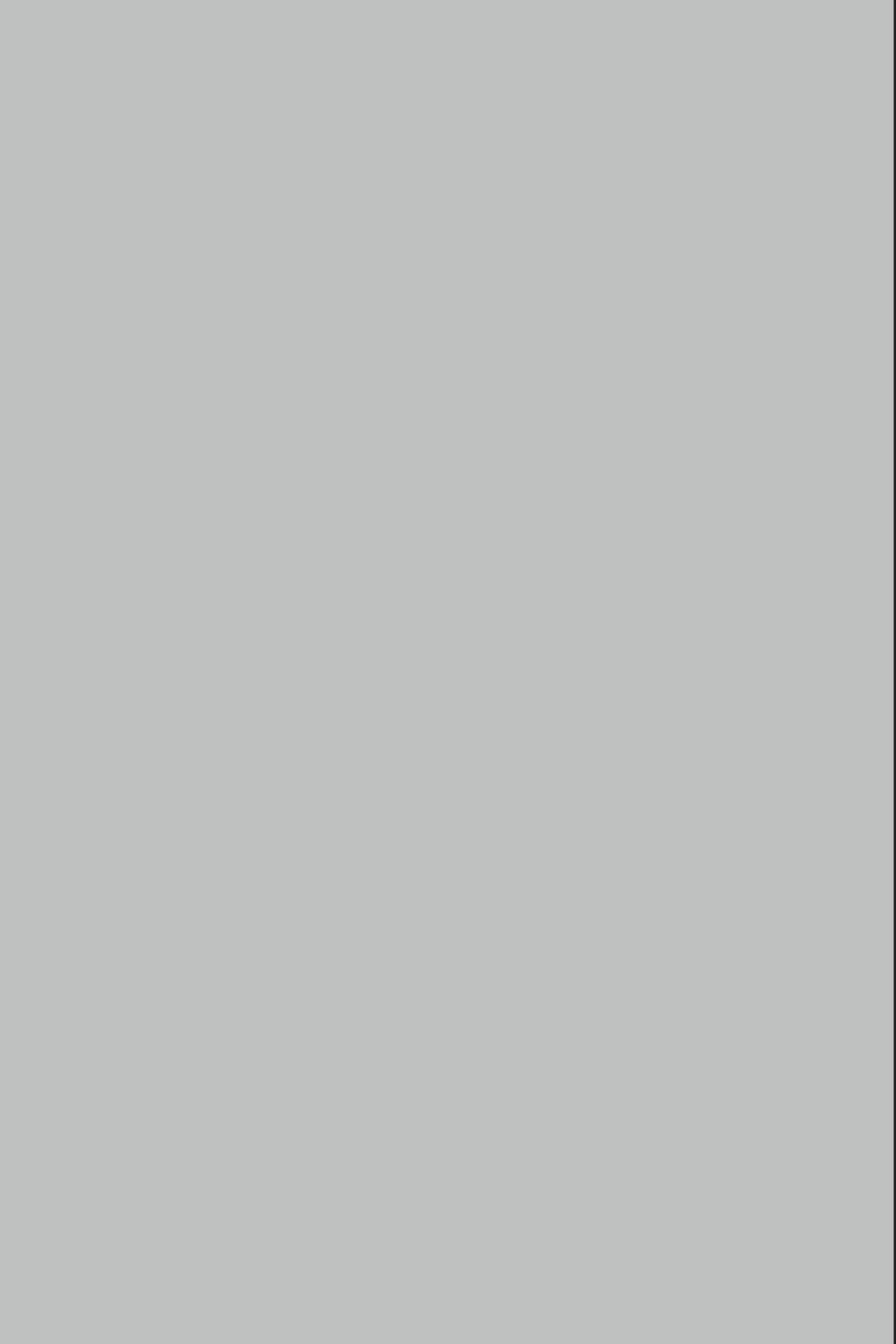
1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



www.lumuseditora.com.br





CRÉDITOS DE ABERTURA

FADE OUT.

CENA 01

INT./ TERREIRO - SÃO LUÍS – QUINTAL / DIA

SOM AGUDO DE VENTO SOPRANDO FORTE

CORTA PARA.

Dezoito mulheres negras, divididas em duas fileiras, encaram à sua frente, estáticas, posando para uma fotografia. Elas vestem roupas pesadas, típicas do século XIX no Brasil colonial. Pelo corpo todo, elas carregam ricos adereços: colares de contas, braceletes, pulseiras e um enfeite no alto da cabeça, ornando seus cabelos soltos. Todas seguram bonecas, ricamente enfeitadas. À frente delas encontram-se três tambores antigos de diferentes tamanhos. Ao fundo, o terreiro aparece adornado como em 1914.

TAYNA

(VOZ-OFF em português com sotaque estrangeiro)

“O que está feito, não pode ser desfeito. O Terreiro tem a alma das pedras que atravessaram o oceano em um navio negroiro.

O dono desta casa é o vodum. Quando a última das suas sacerdotisas morrer, ele retornará à África; e com ele, a rainha Agontimé.”

AGONTIMÉ

As dezoito mulheres desaparecem gradativamente da cena, como fantasmas em um FADE-OUT, deixando visível apenas o cenário vazio e os três tambores à frente.

SOM SUAVE DE TAMBORES AO LONGE

TELA PRETA

TÍTULO: "AGONTIMÉ"

TELA PRETA

CENA 02

INT. BOATE - BRASÍLIA/ NOITE

MÚSICA: "LUZ VERMELHA", ELZA SOARES REMIX DE KIKO DINUCCI SOM DE RESPIRAÇÃO OFEGANTE PROFUNDA

MARINA (28) - magra, negra, cabelos longos e presos no alto da cabeça - dança freneticamente, suada e exausta. Ela usa um conjunto de saia e blusa que deixa a barriga à mostra.

Enquanto ela dança, luzes coloridas atravessam seu corpo.

Com os olhos fechados, ela segue dançando sem parar. Ninguém olha para ela.

Em sua solidão, ela delira, solta e livre, ao som das batidas eletrônicas.

SOM DE RESPIRAÇÃO DIFÍCIL; PUXADAS DE AR COM ESFORÇO

CORTA PARA.

CENA 03

INT. QUARTO DE MARINA - BRASÍLIA/ DIA

Marina está deitada em sua cama e abre os olhos, que ainda têm algum resquício da maquiagem da noite anterior.

Ela acorda com certa dificuldade, sentindo a luz do dia incomodar seus olhos.

Aos poucos ela se espreguiça e senta-se na cama. Ela veste apenas uma calcinha e uma regata branca.

Ela pega o celular na cabeceira e vê que tem três mensagens não lidas em seu aplicativo de mensagem.

INSERT:

Ela abre o aplicativo e lê as mensagens deixadas por Maurício: "onde cê tava ontem? onde cê foi? tem alguém aí?"

VOLTA À CENA

Indiferente, ela pousa o celular na cabeceira da cama. Ela se espreguiça uma vez mais, depois se levanta.

Marina olha rapidamente pela janela.

INSERT:

Do lado de fora da janela, várias crianças brincam em um parque.

VOLTA À CENA

Marina sai do quarto.

Pouco tempo depois, ela retorna com uma xícara de café na mão e olha pela janela.

INSERT:

Do alto de sua janela, em um típico prédio modernista de classe média, Marina observa as crianças brincando no parque, enquanto as babás conversam e riem entre si.

VOLTA À CENA

Marina deixa a xícara no parapeito da janela, pega algumas roupas no armário e entra no banheiro.

CORTA PARA.

CENA 04

INT. SALA DO APARTAMENTO DE MARINA - BRASÍLIA/ DIA

A sala da casa parece habitada por outras pessoas: roupas masculinas e femininas estão espalhadas pelos sofás e no porta-casacos.

Sapatos de diversos tamanhos, femininos e masculinos, estão pousados junto à porta de entrada.

Já de banho tomado e roupa nova (uma regata amarela, calça pantalon azul, tênis branco e óculos escuros), Marina coloca sua mochila na cesta de uma bicicleta, enquanto abre a porta de casa e empurra a bicicleta para fora do apartamento.

Marina sai.

CORTA PARA.

CENA 05

INT/EXT. CORREDOR DO PRÉDIO DE MARINA - BRASÍLIA/ DIA

Trancando a porta atrás de si, Marina pega a bicicleta e a carrega no ombro para descer a escada do prédio de três andares de onde mora.

CORTA PARA.

CENA 06

EXT. AVENIDAS DE BRASÍLIA/ DIA

*SOM NOS FONES: MÚSICA "LOVE WILL TEAR US APART"
JOY DIVISION*

Na bicicleta, com fones de ouvido, Marina atravessa as ruas movimentadas de Brasília.

Sem via de ciclistas, Marina precisa passar perigosamente perto dos carros, que buzina para ela.

Ela passa por baixo de uma passagem subterrânea, toda cheia de grafites nas paredes, e sai diante de um enorme terreno de terra vermelha, o qual ela atravessa, sentido o sol queimar a sua pele.

Ela chega no campus da universidade e pedala até a Entrada Norte, onde ela para de pedalar, freia e desce da bicicleta, em frente a um grande estacionamento.

Marina prende a bicicleta no bicicletário e pega a mochila da cesta antes de se encaminhar até a entrada do prédio movimentado, cheio de estudantes de diversas idades.

Algumas pessoas a cumprimentam de longe.

Ela sorri discretamente e segue o seu caminho.

CORTA PARA.

CENA 07

INT. UNIVERSIDADE/ DIA

Ofegante, Marina para por um instante diante da porta nº 177 no primeiro andar do prédio.

Ela olha pela pequena janela de vidro da porta. OVER THE SHOULDER:

JANAÍNA (40), negra, cabelos longos e trançados, óculos de grau, está apoiada na mesa dos professores, debatendo algo com os alunos, que são mais ou menos vinte pessoas.

VOLTA À CENA

Marina respira fundo, limpa o suor do rosto e entra. A porta bate atrás dela.

P.O.V DESDE A PEQUENA JANELA DE VIDRO:

Janaína acompanha a chegada de Marina com o olhar, mas não fala nada.

Quando Marina se senta, Janaína volta a atenção para os outros alunos e ignora a presença de Marina ali.

CORTA PARA.

CENA 08

INT. SALA DE AULA/ DIA

Janaína anda de um lado ao outro em silêncio por um momento, pensativa.

Então, começa a falar, calmamente, como se lembrando de algo e sem olhar para os alunos.

JANAÍNA

“Semelhantes à gravitação dos corpos, uma força secreta nos empurra sempre para o nosso bem-estar. Esse impulso só é afetado pelos obstáculos que as leis opõem. Todas as várias ações do homem são efeitos dessa tendência interior.”

Janaína fica em silêncio por alguns segundos, observando sua classe... Alguém?

PEDRO (20), calça jeans e camiseta verde, estende a mão. Janaína faz um sinal positivo para ele.

PEDRO

Hm... acho perigoso esse discurso, na real. Me faz pensar em quanto esta narrativa pode ser cooptada. Tipo, o vendedor de rua, que tá lá no centro comercial, na tensão que a barraca dele seja derrubada, ele não tá buscando bem-estar quando ele burla as burocracias da lei. Na real, a lei não existe pra ele, porque não querem que ele exista e que tenha direitos no tipo de trabalho dele, né? Ele tá ali, só dando o corre dele. Ele não tem opção. Mas vai ter quem defenda que ele pode gostar da própria opressão, que a informalidade é uma vantagem pra ele, a busca dele pelo próprio bem-estar. Bem-estar pra quem né?

RENATA (22), calça jeans e cropped:

RENATA

A mesma coisa do Uber, né? Ou ainda, dá pra pensar nos likes das redes sociais. Somos prisioneiros do sistema, nos amarramos a ele, trabalhamos de forma gratuita e sem regulação nenhuma pra isso, mas o quê? Precisamos deles? Dos donos das Bigtechs? Precisamos das redes a qualquer custo, mesmo sem regulação, sem leis, a troco do nosso "bem-estar"?

Janaína concorda com a cabeça, dando um leve sorriso satisfeito, e volta a caminhar de um lado ao outro, pensativa, recitando mais uma vez algo de cabeça:

AGONTIMÉ

JANAÍNA

“A ordem e a polícia que se deve manter exigem que todos os operários sejam reunidos no mesmo teto, a fim de que aquele dos sócios que está encarregado da direção da fábrica possa prevenir e remediar os abusos que poderiam se introduzir entre os operários e impedir desde o início que progridam”.

MARIA (29), vestido de bolinhas e óculos de grau, interrompe abruptamente:

MARIA

Pfff. É sobre isso, sobre manter a classe trabalhadora controlada, vigiada, enquanto os poderosos desfrutam do bem-estar DELES, não nosso.

Um burburinho se alastra pela sala. Marina observa Janaína com atenção.

JANAÍNA

Hmm... e se formos mais além e pensarmos de forma prática em quem tenta efetivamente existir fora deste conjunto de leis? “Encontrar para um crime o castigo que convém é encontrar a desvantagem cuja ideia seja tal que torne definitivamente sem atração a ideia de delito”.

PEDRO

É sobre o mano da quebrada, carregando o baseadinho de todo dia, cana certa. Enquanto a mina rica do Lago Sul atropela e

mata um cara, doida de bêbada, e é absolvida de primeira.

JANAÍNA

Para quem cabe, no nosso sistema, no nosso mundo, eu diria, a vigilância e a punição?

Marina encara Janaína, que devolve seu olhar.

JANAÍNA

Muito bem. Para o nosso próximo encontro, que - lembrando - não é semana que vem; mas só daqui a 15 dias, eu quero um ensaio de até 8 páginas sobre "clausura", "cercamento" e "vigilância" na contemporaneidade.

Tenham em mente o que Renata trouxe sobre as redes sociais, e os comentários da aula de hoje. Vamos seguindo nisso juntos.

As pessoas começam a se movimentar e a se levantar antes que Janaína encerre a aula.

JANAÍNA

Boa tarde pra vocês. Até!

Todos se levantam e saem rapidamente; muitos conversando entre si e rindo.

Janaína começa a arrumar seu material.

Marina espera todos saírem, se levanta e vai até Janaína, que está absorta em sua arrumação.

Quando Marina se aproxima, Janaína levanta os olhos para ela.

AGONTIMÉ

JANAÍNA

Você, Marina... Quê que eu faço? Me ajuda a não te reprovar?

MARINA

Eu trabalho, Jana. Cê sabe. Às vezes não rola... Não tem nada a ver com você. É um rolê meu mesmo.

JANAÍNA

Eu vou te perguntar isso porque essa é a última vez que falo contigo sobre isso. Cê sabe onde quer ir, não sabe?

Marina não reage.

Fica olhando fixamente para Janaína, que suspira.

JANAÍNA

Se você não quer aproveitar isso aqui, devia ceder sua vaga pra quem quer. Você não tem ideia do privilégio que você tem aqui. Se não quer ele, sinceramente, vai pra outra coisa. Não precisa ficar.

MARINA

Desculpa, Jana. Na boa, eu sei que cê se preocupa e tudo. Super te agradeço sinceramente por isso.

Mas cara, você não é minha mãe. Foi mal jogar isso assim, mas cê não tem nada a ver com a minha vida, não vai me salvar. Cada uma tem seu jeito. Isso é o que eu posso agora.

Janaína parece surpreendida pela reação de Marina.

Ela concorda brevemente com a cabeça, pega sua bolsa e sua pasta e começa a se movimentar rumo à saída.

JANAÍNA

Ok, Ma. Como você quiser. Só espero que não sinta nenhum arrependimento por essas suas escolhas. De qualquer maneira, depois da próxima aula, eu quero que você fique para fazer um trabalho extra.

Marina não reage.

Sem dizer mais nada, Janaína sai da sala. Marina fica mais um pouco sozinha.

CORTA PARA.

CENA 09

INT. UNIVERSIDADE/ DIA

Marina sobe as escadas da administração, chegando até uma porta, onde se lê: SECRETARIA ACADÊMICA. Ela espera em um balcão.

Uma SENHORA (50) conversa descontraída no fundo da sala, tomando café junto com um JOVEM (17). Eles riem.

Marina fica impaciente.

MARINA

Oi. Bom dia.

Os dois a ignoram.

MARINA

Oi! Bom dia! Tem alguém atendendo aqui na secretaria?

AGONTIMÉ

Calmamente, a senhora se volta para ela, suspira e faz um sinal para o rapaz, desfazendo o riso do rosto. Ela pousa o café na mesa e se levanta.

SENHORA

Sim?

MARINA

Oi, tudo bom? Eu queria checar se tá tendo algum problema com a minha bolsa. Ainda não caiu o valor desse mês.

A senhora pega um formulário e entrega para Marina.

SENHORA

Preenche isso aqui e traz amanhã que eu dou entrada no processo.

MARINA

Amanhã? Você não consegue ver hoje ainda o que houve? É que meu aluguel já tá atrasado e vai somando juros por dia de atraso.

A senhora suspira, irritada.

SENHORA

Preenche aqui então, que eu vejo o que posso fazer por você.

Enquanto Marina preenche o formulário, a senhora volta para dentro da sala.

SOM DE RISADAS

Marina termina de preencher o papel e fica esperando a senhora voltar. Ela observa as pessoas que passam. Ela olha para o relógio e fica impaciente.

MARINA

Ô, senhora! Oi! Terminei.

A senhora olha rapidamente para ela de dentro da sala.

SENHORA

Deixa aí em cima que depois eu vejo.

MARINA

Depois? Você não disse que conseguia ver agora?

SENHORA

Deixa aí. E volta umas 16h45.

MARINA

Jura?

SENHORA

Deixa aí!

A senhora entra de vez na sala e não volta mais.

SOM DE RISADAS

Inconformada, Marina deixa a folha em cima do balcão e sai.

CORTA PARA.

CENA 10

INT. RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO/DIA

MÚSICA TOCANDO NO FONE DE OUVIDO: SUN RA

Marina come sozinha em uma mesa onde caberiam umas dez pessoas. O restaurante está bastante movimentado. Cerca de trezentas pessoas comem no imenso galpão ao mesmo tempo. Marina observa as pessoas:

um grupo de meninas almoçam juntas e riem bastante;

Um grupo de imigrantes almoça junto. Eles falam baixo, mas também dão risadas;

Uma menina almoça ao lado de um rapaz. Eles não se falam.

Ela fica mexendo no smartphone, ele fica pensativo.

Marina segue olhando tudo à sua volta.

SOM DE CELULAR VIBRANDO

Marina checa seu celular.

INSERT:

Maurício chama.

VOLTA À CENA

Ela ignora a ligação e vira a tela do celular pra baixo.

SOM DE CELULAR VIBRANDO DE NOVO

Marina deixa o celular vibrando, sem olhar. Ele continua vibrando sem parar.

Ela olha para frente, irritada, e vê MAURÍCIO (32), um homem muito bonito.

SOM DE RESPIRAÇÃO OFEGANTE

Marina pega o celular, que ainda vibra, e atende, mas não fala nada. Maurício olha fixamente para ela, sem falar nada, apenas respira pesadamente do outro lado da linha.

SOM DE RESPIRAÇÃO NERVOSA EM CRESCENDO

Marina desliga o celular e se levanta rapidamente, rumo ao lado oposto de onde Maurício está. Ela caminha rapidamente, esbarrando nas pessoas e sai do restaurante.

CORTA PARA.

CENA 11

EXT. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - MINHOÇÃO/ DIA

SOM DE RESPIRAÇÃO OFEGANTE EM CRESCENDO

Marina caminha rapidamente pelas ruas da universidade. Ela parece não ter certeza de para onde vai. Ela não olha para trás. Ao ver um beco, ela vira e se escora no muro do edifício. O peito palpita. Ela respira profundamente e com dificuldade.

SONS CONFUSOS E DISTORCIDOS INVADEM O AMBIENTE, DANDO UMA SENSAÇÃO DE SUFOCAMENTO

Marina tenta agarrar os tijolos do muro nas suas costas. Ela faz tanta força que suas unhas sangram.

SOM DE RESPIRAÇÃO DESACELERANDO

Marina começa a se acalmar. Ela respira com mais facilidade, pouco a pouco. Ela abre os olhos e encara a parede à sua frente. Pessoas passam pela rua externa ao beco.

Ela olha para suas mãos e se dá conta que se machucou e sente a dor de forma tardia.

Marina pega um lenço na bolsa.

Ela lambe os dedos cheios de sangue e depois enxuga o sangue restante com o lenço.

Recomposta, ela sai do beco, de volta à rua principal da universidade.

CORTA PARA.

CENA 12

INT. SALA DE DANÇA - UNIVERSIDADE/ DIA

SOM DE INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO

Marina está vestida com uma calça legging e uma regata justa preta, tem uma capulana amarrada na cintura e outra prendendo seu cabelo em um rabo de cavalo.

Ela dança com energia, descalça, uma dança de origem angolana, enquanto TRÊS RAPAIZES tocam instrumentos de percussão lhe acompanhando.

Atrás dela, um grupo de quinze pessoas a acompanha.

Ela dança na frente de todos, extrovertida e animada, incentivando que todos soltem seus corpos e suas vozes emitindo sons diversos em harmonia com a música.

SONS DIVERSOS MISTURADOS AOS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO

Enquanto todos seguem dançando, fazendo movimentos circulares juntos, avançando e recuando, Marina volta-se para trás e começa a passar de um em um, corrigindo, sugerindo novos movimentos.

Todos parecem muito animados com ela e com a aula. Marina

vai até os músicos e os anima. Ela faz tudo com muita naturalidade. Ela volta a dançar até suar.

Marina dá um grito agudo, quase um canto, e os músicos param de tocar.

Todos batem palmas, rindo. Ela sorri.

MARINA

Valeu, meu povo!

SOM DE PALMAS E RISOS

Todos se abraçam e começam a se despedir.

Alguns alunos começam a conversar entre si sobre coisas diversas.

ALANA (33) se aproxima de Marina.

ALANA

Que delícia. Valeu demais!

MARINA

Arrasou hoje, querida!

Alana sorri um pouco sem graça e dá um abraço em Marina.

ALANA

Até semana que vem, Ma!

MARINA

Até!

Marina enxuga o rosto com uma toalhinha de mão enquanto se dirige até onde os músicos estão.

Eles estão em processo de guardar os instrumentos. Ela se aproxima de BRUNO (29).

AGONTIMÉ

MARINA

Obrigada, gato. Arrasaram, como sempre.

Bruno dá um beijo no rosto de Marina.

BRUNO

Sua aula é que arrasa, gata!

Ela se aproxima e beija João também no rosto. Ele timidamente a retribui, calado. Marina se aproxima e dá um beijo também no rosto de Antônio.

MARINA

Obrigada, Tonho. Vocês têm sido maravilhosos. Incrível poder contar com vocês nessa.

ANTÔNIO

Que isso, Ma. Prazer todo nosso aqui.

Marina sorri e começa já a se encaminhar para pegar sua mochila e Antônio a segue.

ANTÔNIO

Ma, hoje a gente vai tocar lá no samba do Tartaruga. Anima de ir não? Vai ter um pouco de chorinho, depois um sambinha gostoso.

Marina olha para ele, um pouco sem graça, depois olha para Bruno.

MARINA

Ai, não sei gente. Eu tô tão cansada.

Bruno se aproxima.

BRUNO

Vamo lá! Cê vai curtir. Tu quase não sai aqui em Brasília. Se não sair, nunca vai conhecer as pessoas.

Marina hesita.

BRUNO

Vixi, Curitiba é difícil. Vamos lá, mulher!

ANTÔNIO

Vamos, Ma! Vai ser legal.

Marina ri, depois suspira.

Eles riem.

MARINA

Ai, tá. Mas se eu ficar muito cansada, vou embora. Tô já dizendo que é pra vocês não acharem que era por causa da música.

ANTÔNIO

Beleza. Eu te busco.

MARINA

Não. Pode deixar que eu vou de bike mesmo.

ANTÔNIO

De bike? É meio tenso ali na 14 pra passar de noite na passarela e tal.

AGONTIMÉ

MARINA

Tem rolo não. Tô acostumada já. A gente se vê lá.

ANTÔNIO

Tá bom. Até.

Bruno dá mais um beijo em Marina e sai, guiando Antônio e João.

Marina os observa sair da sala, enquanto ela fica mais uma vez sozinha.

Ela respira.

SOM DE RESPIRAÇÃO PROFUNDA

CORTA PARA.

CENA 13

INT. UNIVERSIDADE/ DIA

Marina sobe as escadas correndo, esbaforida. Ela chega até a secretaria. Está fechada; mas há luzes acesas.

RISADAS, MÚSICA, PESSOAS CONVERSANDO

Marina bate na porta com força. Ninguém responde. Ela tenta de novo com mais força.

DESLIGAM A MÚSICA E SILENCIAM

Marina escuta a movimentação por um segundo.

MARINA

Oi! Tem alguém aí? Eu preciso falar com

a senhora que atende aqui. Ela sabe, é urgente.

SILÊNCIO

PASSOS SE APROXIMAM E RISADAS VOLTAM TIMIDAMENTE

A porta do balcão se abre.

MARCOS, (17), o mesmo rapaz que conversava com a senhora mais cedo, a atende.

MARCOS

Pois não?

MARINA

Oi. Aquela senhora que tava aqui de manhã já foi?

Marcos olha discretamente para dentro.

MARCOS

Ela tá numa reunião.

MARINA

Cês fecharam cedo hoje, hein?

MARCOS

Tá tendo uma reunião da coordenação.

MARINA

Tá. Mas eu preciso falar com ela com urgência.

MARCOS

Ela não pode. Eu posso te ajudar. Quê que cê precisa?

AGONTIMÉ

MARINA

Eu preciso que ela veja a coisa da minha bolsa com urgência. Tá atrasada há mais de 15 dias. Ela prometeu ver hoje, sem falta.

MARCOS

Então, é que na verdade, o governo cortou todas as bolsas. Inclusive dos professores.

MARINA

Como é que é? Como assim? Eu não recebi nada falando disso.

MARCOS

Ah, mas é assim. O governo tá tendo que fazer uns ajustes e suspendeu as bolsas.

MARINA

Mas até quando? Como é isso?

MARCOS

Tem previsão não. Tá no jornal e tal, procura aí o Correio que cê vai ver.

MARINA

Mas gente, e cê me fala isso assim, na boa? Você tem ideia de como eu dependo disso?

MARCOS

Eu até entendo. Mas, infelizmente, quanto a isso eu não posso fazer nada. Tenta voltar daqui uns três meses pra ver. Vai que volta?

MARINA

Cara, três meses? E o quê que eu faço nesse tempo? Eu vim pra cá por causa da bolsa. Não tenho como viver sem isso não.

Marcos faz uma cara de falsa preocupação.

MARCOS

Eu sinto muito. De verdade. Mas agora eu tenho que fechar aqui porque a reunião ali vai começar. Boa sorte e boa tarde pra você.

Marcos fecha a portinha do balcão, sem olhar mais para Marina, que dá um soco na portinha.

Marina fica furiosa.

MÚSICA E RISADA RETOMAM

Marina dá um grito de raiva e desce as escadas furiosa.

SOM DE RESPIRAÇÃO OFEGANTE EM CRESCENDO

Marina para por um segundo, completamente sem ar. Ela tosse com força, como que querendo sacar o ar de dentro do próprio pulmão. Ela tira de dentro da bolsa uma bombinha de asma e a põe na boca, afoita.

SOM DE PUXADAS DE AR COM ESFORÇO

Marina se apoia, quase cambaleante, no corrimão da escada, batendo as costas contra a parede de tijolos expostos. Ela fecha os olhos.

RESPIRAÇÃO SE ACALMA POUCO A POUCO

CORTA PARA.

CENA 14

INT. CASA DE MARINA - QUARTO/ NOITE

Em seu quarto, Marina está de toalha na cabeça, calcinha e uma blusa justa.

Ela tira a toalha da cabeça e começa a secar o cabelo em frente ao espelho.

BARULHO DE SECADOR

Ela desliga o secador.

SOM DE CELULAR VIBRANDO DUAS VEZES SEGUIDAS.

Marina vai até a cabeceira da cama e pega o celular.

INSERT:

Quatro mensagens não vistas no aplicativo: duas de Maurício, que ela fecha sem ler; uma de Antônio com o endereço do local do samba e um emoticon com uma piscadela; uma mensagem de Luísa, que ela abre:

“Amada, vem passar uns dias comigo aqui em São Luís? Tô precisando tanto de você... Semana que vem começa o festival de tambor de crioula. Vem me ver?”

VOLTA À CENA

Marina sorri.

ULISSES (fora de campo)

Ui, tem passarinho no ar.

Marina se assusta, depois vê ULISSES (33) e sorri.

Ulisses usa turbante roxo na cabeça, uma blusa gola rolê cinza e saia amarela com tênis prateado. Maquiagem, cílios

postiços e barba bem aparada.

Ulisses entra no quarto de Marina e se senta na cama e dá tapinhas na coberta indicando que ela deve se sentar perto. Ela concorda e se senta de costas. Ulisses começa a arrumar o cabelo dela.

Marina ri.

ULISSES

Me conta, pra onde vamos hoje?

MARINA

Ixi, tá nessa, bem? Vou com o boy.

ULISSES (*com deboche*)

Ah é? A Mademoisele tá com date, é?

MARINA

Nada. É o povo que toca lá nas aulas de dança. Eles vão tocar hoje numa roda de samba e choro. Vamo?

ULISSES

Claro! E se tiver boy magia no meio, nem se preocupa que rapidinho arranjo um pra mim também. Tigresas na caça, amor.

Marina ri, enquanto Ulisses se levanta e vai até a mesa de cabeceira, de onde ele tira vários itens de maquiagem.

ULISSES

Com ou sem date, te quero diva linda e maravilhosa hoje.

Ulisses começa a maquiar Marina.

AGONTIMÉ

MARINA

Ah, mas e o saco pra tudo isso? Tô tão cansada. É um peso assim na alma, sabe como?

Ulisses concorda com a cabeça, mas segue concentrado no trabalho de maquiagem Marina. Ela para por um segundo.

MARINA

Amore, tô com umas tretas esse mês. Tava pensando que talvez tu vai ter que salvar o aluguel. Tu pode?

Ulisses olha para ela com desconfiança.

ULISSES

Cobrir o aluguel deste mês não é problema. A gente dá um jeito. Mas que tretas, mana?

MARINA

Não. Nada disso não. O governo cortou minha bolsa; por isso que tá atrasada. Mas já tô resolvendo.

ULISSES

Menina, mas como é isso? Pode?

MARINA

Poder não pode, né? Mas desde quando tem lei nesse país que funcione? Faz tempo que não.

CELULAR VIBRANDO TRÊS VEZES SEGUIDAS

*Marina olha para o celular, mas não vai ver quem é. Ignora.
Ulisses olha para ela.*

ULISSES

Se ele continuar, eu juro que eu chamo a polícia.

Riem.

MARINA

Deixa isso lá, meu bem! Nem quero invocar essa criatura agora. Me põe bonita aí que hoje eu tô no pecado.

Ulisses pega um pote de sombra de purpurina amarela.

ULISSES

Ahhh, então mete purpurina nela!

Ulisses joga purpurina dourada pro alto e ela voa pelo quarto todo.

Marina ri de olhos fechados.

Ulisses continua arrumando Marina enquanto cantarola.

CORTA PARA.

CENA 15

INT. BAR TARTARUGA - BRASILIA/ NOITE

SOM DE MÚSICA AO VIVO: RODA DE CHORO

Ulisses e Marina entram no bar, que tem um salão grande, com muitas mesas e pessoas de pé que cantam, dançam e conversam, enquanto bebem cerveja. As pessoas se reúnem

AGONTIMÉ

em torno de uma mesa grande bem no centro do salão, diante de um palco no chão, onde vários músicos tocam instrumentos diversos se revezando.

Marina está deslumbrante, com uma blusa justa azul marinho e uma saia com estampas vivas, azuis e laranja. O cabelo está solto e a maquiagem que Ulisses fez, cheia de purpurina, chama a atenção das pessoas.

Antônio está tocando violão de sete cordas ao lado de Bruno, que toca cavaquinho.

Ao ver Marina, ele sorri. Ela sorri de volta. Ulisses olha para ela e ri.

ULISSES

Vou buscar um negócio pra beber. Cê quer?

MARINA

Uma cachaça. Se não tiver jambu, pode ser uma Boazinha mesmo.

ULISSES

Tá. Já chego.

Ulisses sai, observando todos e causando geral com sua presença espontânea e sorridente.

Marina ri. A música acaba.

Antônio fala alguma coisa no ouvido de um companheiro e passa o violão para ele.

A roda recomeça a tocar novamente.

Antônio se levanta e vai de encontro a Marina. Ele se aproxima e coloca a mão na cintura dela delicadamente, quase sem encostar nela, e dá um beijo tímido em seu rosto.

Ela sorri e olha para ele.

ANTÔNIO

Que bom que você pôde vir.

MARINA

Adorei o convite.

Antônio sorri.

Sem graça, ele se vira para a roda de músicos. Ela olha para ele.

ANTÔNIO

Você gosta de choro?

MARINA

Confesso que não frequento muito rodas de choro. Mas gosto sim.

Ela continua olhando para ele; mas, sem graça, ele não consegue olhar para ela.

Ulisses observa a cena por um tempo de longe, depois se aproxima com as bebidas na mão.

Ele entrega a cachaça para Marina e oferece um copo de cerveja para Antônio.

MARINA (para Antônio)

Antônio, Ulisses. Dividimos casa.

Antônio dá um beijo no rosto de Ulisses, que lhe oferece um copo para dividir a cerveja de 600ml.

ANTÔNIO (para Ulisses)

Obrigado!

ULISSES

Você toca super bem, hein?! Um arraso!

AGONTIMÉ

ANTÔNIO (*sem graça*)
Valeu. Cê gosta de choro?

ULISSES
Muito.

Antônio sorri.

ANTÔNIO
Hoje só tem fera aqui.

ULISSES
Tipo você, né?

*Antônio fica sem graça, mas dá um sorriso.
Marina olha repreensiva, mas com humor para Ulisses.*

ULISSES
Bem, vou dar uma vultinha por aí.

A MÚSICA MUDA PARA UM CHORINHO SUAVE, ACOMPANHADO DE FLAUTA E CAVAQUINHO: "CARINHOSO" DE PIXINGUINHA

*Antônio olha para Marina.
Ela inclina a cabeça, convidativa, e sorri.
Ele deixa seu copo de cerveja em cima de uma mesa e puxa ela para a pista de dança.
Timidamente, ele envolve a cintura dela com um braço e segura sua mão direita com o outro. Ela encosta a cabeça no ombro dele. Os dois dançam. Várias pessoas dançam no salão.
Ulisses dança com Bruno.*

CORTA PARA.

CENA 16

INT. BAR TARTARUGA - BRASÍLIA/ DIA

MÚSICA DE CD NO SOM: SAMBA "CHEIA DE MANIA", RAÇA NEGRA CONVERSAS E RISADAS

Os músicos fazem uma pausa.

As pessoas conversam mais animadas, rindo alto. Antônio tira o cabelo de Marina do rosto.

ANTÔNIO

Quer tomar alguma coisa?

MARINA

Cachaça de jambu com pimenta!

ANTÔNIO

Forte!

MARINA

É nada.

Ele sorri.

ANTÔNIO

Já volto então.

Ela concorda com a cabeça.

Antônio sai e Marina observa as pessoas.

Ela percebe que Ulisses está subindo no palco.

Ulisses começa a arrumar o microfone, enquanto Bruno conecta um violão à caixa de som. Bruno testa o som do violão rapidamente com um arpejo simples. Ulisses faz um sinal para que alguém desligue o CD. Marina se aproxima. Quando a música para, outras pessoas também começam a se aproximar

AGONTIMÉ

do palco. Bruno começa a tocar e Ulisses canta "O mundo é um moinho", de Cartola.

Marina chega bem perto do palco.

Ulisses olha para Marina, depois se volta novamente para o público e entoava de forma melancólica os versos que falam de como o mundo destrói os sonhos e as ilusões de cada pessoa. Marina tem os olhos marejados. Uma emoção qualquer que ela nem sequer entende de onde vem.

Ulisses olha para ela e chora, enquanto canta os versos que tratam de como cada amor pode deixar marcas, a ponto de se transformarem em um abismo do qual não se consegue mais sair.

Bruno faz um solo final.

Antônio se aproxima de Marina, com as bebidas. Ela se vira para ele, chorando.

MARINA

Vamo embora?

Antônio deixa as bebidas em uma mesa e os dois saem. Ulisses os observa saindo do bar, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Bruno faz o último arpejo.

SILÊNCIO ABSOLUTO NO AMBIENTE

CORTA PARA.

CENA 17

EXT. RUAS DE BRASÍLIA - ENTRE 914 E 214 NORTE/NOITE

Marina e Antônio caminham em silêncio pela noite. Ela leva a bicicleta.

Andréia Kaláboa & Tiago Lipka

ANTÔNIO

Você sabe onde tem uma passarela? Eu nunca andei por aqui de noite.

MARINA

Medo?

ANTÔNIO

Hábito. Ninguém anda em Brasília.

MARINA

Sei. Vocês já nascem com rodinhas nos pés aqui.

ANTÔNIO

Você também.

Ela aponta para a bicicleta. Ela sorri.

MARINA

Tem uma passarela aqui.

Ela aponta para uma escadaria que desce.

Ele se oferece para carregar a bicicleta, mas ela não aceita.

Os dois descem a escadaria da passarela.

CORTA PARA.

CENA 19

EXT. PASSARELA 314 NORTE - BRASÍLIA/ NOITE

A passarela está mal iluminada, com uma lâmpada amarela que pisca. Uma parte dela está totalmente escura; percebem-se apenas vultos. Os muros estão pichados ou marcados com grafites e poemas.

AGONTIMÉ

Marina e Antônio caminham.

SOM DE PASSOS

Marina para de repente.

SOM DE PASSOS CONTINUA

Ela se assusta.

ANTÔNIO

Que foi?

MARINA

Você não ouviu?

ANTÔNIO

O quê?

MARINA

Os passos.

ANTÔNIO

São nossos.

MARINA

Não são.

Eles continuam caminhando.

SOM DE PASSOS SE APROXIMANDO RESPIRAÇÃO AUMENTANDO

Um vulto passa de um lado a outro da passarela ao final do corredor, longe deles.

Marina se assusta muito.

ANTÔNIO

Calma. Que foi?

SOM DE RESPIRAÇÃO OFEGANTE

Antônio segura a mão de Marina.

Atenta à sua frente, ela aperta a mão dele com força, cravando as unhas na pele dele, até sangrar. Ele não reclama e aperta a mão dela também. Ele segura ela com força, tentando acalmá-la.

Ela olha para ele e deixa a bicicleta cair no chão.

Marina beija Antônio com força, empurrando-o contra a parede suja da passarela.

Eles se beijam com vontade.

RESPIRAÇÃO FORTE E CONTÍNUA

Eles transam ali mesmo.

TELA PRETA

CORTA PARA.

CENA 20

INT. QUARTO DE MARINA/ DIA

A luz entra pela cortina de tecido fino, iluminando as pernas entrelaçadas de Marina e Antônio. Ele se mexe e ela acorda, se espreguiçando. Ele acorda em seguida. Ela observa as pernas deles na luz do sol e as diferenças de tons de pele, que refletem com a luz.

Ele olha para ela.

ANTÔNIO

Bom dia.

AGONTIMÉ

Ela não olha pra ele.

MARINA

Viu que bonitas nossas pernas juntas?

Antônio olha para as pernas deles por um instante, depois passa a perna por cima da perna de Marina, se virando para ela.

Ela olha para ele.

MARINA

Bom dia.

Ela dá um beijo nele. Ele olha para ela.

MARINA

Quer um café?

Ele sorri pra ela.

MARINA

Que foi?

ANTÔNIO

Pode ser um café... Ou a gente pode ficar mais um pouco aqui.

Ela sorri, mas se desvencilha dele.

MARINA

Eu preciso ir, na real. Tenho aula daqui a pouco.

Ela se senta na cama e pega o celular. Antônio passa a mão nas costas nuas dela.

ANTÔNIO

Não dá pra ficar nem uns minutinhos mais?

Marina vê várias ligações perdidas e mensagens de Maurício.

INSERT:

No aplicativo, mensagens de Maurício: "Ma, me atende, por favor. com quem cê tá? Não fica com medo. só quero conversar... tô aqui embaixo."

VOLTA À CENA

Marina para de ler as mensagens e deixa o celular na cabeceira da cama, nervosa.

RESPIRAÇÃO NERVOSA, MAS ESPAÇADA

Ela ignora Antônio, veste a blusa que está no chão, a calcinha e se levanta.

Ela não olha pela janela. Parece não ver nada de especial. Ela olha para Antônio.

MARINA

Eu preciso que cê vá embora.

Antônio fica um pouco chocado com a reação de Marina.

ANTÔNIO

Agora?

MARINA

Agora. Tipo já.

Ela deixa ele sozinho no quarto e entra no banheiro.

CORTA PARA.

CENA 21

INT. BANHEIRO DA CASA DE MARINA/ DIA

Marina fecha a porta do banheiro e se escora nela.

SOM DE ANTÔNIO SE LEVANTANDO E SE ARRUMANDO
FORA DE CAMPO SOM DE CORAÇÃO PALPITANDO E RESPI-
RAÇÃO OFEGANTE

*Marina coloca a mão no coração e tenta se acalmar.
Ela arranha com força uma marca em forma de um círculo
perfeito que tem no braço esquerdo.
Um pequeno filete de sangue escorre da pele.*

SOM DE ANTÔNIO SAINDO E DUAS PORTAS SE BATENDO
RESPIRAÇÃO DESACELERANDO

*Marina escorrega pela porta até sentar no chão do banheiro
e se acalma.*

CORTA PARA.

CENA 22

EXT. RODOFERROVIÁRIA DE BRASÍLIA/ DIA

*Marina está na fila de bagagem de um ônibus.
Ela está vestida com um vestido longo de alça, sem sutiã, tê-
nis branco sem meia e uma camisa jeans amarrada na cintura.
Cabelo em um rabo de cavalo alto. Ela entrega uma maleta
para o senhor que recolhe as malas e segue para a fila de em-
barque.*

No letreiro do ônibus lê-se "SÃO LUÍS".

*Marina mostra o documento para o motorista e sobe no ôni-
bus.*

CORTA PARA.

CENA 23

INT. ÔNIBUS/ DIA

*Marina se senta em um lugar na janela.
Ela pega o celular e coloca o fone de ouvido.*

MÚSICA NO FONE: SUN RA

Ela escreve uma mensagem no celular.

INSERT:

“tô indo, chego em três dias”.

*Envia a mensagem e sai da caixa de conversa com Luísa. Vai para a conversa com Ulisses.
Escolhe a opção mandar mensagem de voz.*

VOLTA À CENA

Marina grava uma mensagem para Ulisses, enquanto o ônibus começa a se deslocar.

MARINA

Meu bem, desculpa sumir assim; mas preciso de um tempo. Tô aqui no ônibus a caminho do Maranhão. Vou ficar com a Lu uns dias. Cê pode molhar minhas plantinhas? Não sei quando eu volto, mas deve ser em uma semana. Deixei um bilhete em cima da mesa, cê pode colar lá na porta da minha aula de dança?
Eu te amo muito, sempre. Fica bem.

Ela envia a mensagem.

AGONTIMÉ

INSERT:

No aplicativo, a mensagem é enviada. Ulisses visualiza e começa a digitar.

Marina coloca o celular no modo avião e fecha o aplicativo, antes que Ulisses possa enviar uma nova mensagem.

VOLTA À CENA

Marina observa Brasília passando pela sua janela.

MÚSICA NO FONE: "MALAIKA", NA VOZ DE MIRIAM MAKEBA

CORTA PARA.

CENA 24

INT. ÔNIBUS [SÃO LUIS]/DIA

MÚSICA NO FONE (CONT.): "MALAIKA", NA VOZ DE MIRIAM MAKEBA

Pela janela do ônibus, Marina observa a paisagem mudando ao entrar em São Luís. O lugar não se parece em nada com Brasília. As velhas construções coloniais coloridas e rodeadas pelo mar, contrastam com os concretos espelhados e acinzentados no meio do deserto de terra vermelha da capital.

O ônibus entra na rodoviária e começa a desacelerar até parar. Marina tira o fone do ouvido e começa a organizar suas coisas.

A MÚSICA, QUE JÁ ESTÁ QUASE NO FIM, DIMINUI ATÉ PARAR

Marina desce do ônibus.

CORTA PARA.

CENA 25

INT. RODOVIÁRIA - SÃO LUIS/ DIA

Na saída da rodoviária, Marina caminha pelo Centro Histórico, que apesar de mal preservado, é bastante bonito. Ela vai até o viaduto e atravessa a rua para ver o mar. Ela fecha os olhos e respira ali por um momento, passando a mão na marca em forma de círculo que tem no braço.

RESPIRAÇÃO CALMA E ESPAÇADA

CORTA PARA.

CENA 26

EXT. RUAS DO CENTRO DE SAO LUIS/DIA

Com um pedaço de papel na mão, Marina caminha revisando os números das casas em uma pequena rua do centro de São Luís. Pessoas idosas espiam pelas janelas, enquanto os homens bebem e jogam cartas sentados do lado de fora das casas. Pessoas conversam entre si de um lado da rua a outro. As casas são feitas de azulejos, todos já quebrados e desgastados pelo tempo.

Marina caminha até a porta de um sobrado com número: 57. Ela toca a campainha e espera. As pessoas da rua a observam. Do primeiro andar do sobrado, Luísa (30) aparece.

LUÍSA

Ahhhh. Não acredito! Espera aí que já desço.

Marina sorri e espera sem olhar para as pessoas, que continuam a observá-la.

Luísa desce e abre a porta, agarrando Marina com força.

AGONTIMÉ

LUÍSA

Mulher!!! Quanta saudade, minha irmã.
Nem acredito.

MARINA

Promessa é dívida! Eu disse que vinha.
Ai você me tentou com essa história de
tambor... Já viu, né?!

Elas riem.

Luísa pega a mala de Marina.

LUÍSA

Vem. Entra, entra.

Luísa dá passagem para Marina, antes de segui-la para dentro do sobrado.

LUÍSA

Pode subir. É a porta aberta à direita.

Luísa fecha a porta atrás delas.

CORTA PARA.

CENA 27

INT. CASA DE LUÍSA - SAO LUIS/DIA

Marina entra, seguida de Luísa, que fecha a porta. Luísa coloca a mala de Marina em um canto da sala, enquanto Marina também se livra de sua mochila.

As duas correm para se abraçar de novo e caem na risada.

LUÍSA

Meu Deus! Quanto tempo não nos vemos?

MARINA

Séculos!

LUÍSA

Uns três anos fácil.

MARINA

Fácil.

LUÍSA

Tu tá linda, poderosa!

Elas riem.

MARINA

Poderosa depois de três dias de viagem...
Tá de sacanagem, né?

LUÍSA

Menina, é verdade. Tu deves estar exausta, né? Queres tomar um banho enquanto preparo um prato de comida?

MARINA

Mana, eu ia agradecer demais um banho.

LUÍSA

Claro. Deixa eu ir arrumando as coisas ali.

Luísa vai até o banheiro e liga o chuveiro.

Marina abre sua mala e pega algumas coisas para o banho:

roupas e uma nécessaire.

Luísa volta.

LUÍSA

Mulher, vê só. Aqui só não tem água quente. A casa é simples, sabe?

MARINA

Imagina. E quem vai querer água quente nesse calor?

LUÍSA

Não repara não também que a água é pingada, mas dá pra tomar banho direitinho. Deixei uma toalha, sabonete, shampoo e uma havaiana lá pra ti.

Marina dá um beijo no rosto de Luísa.

MARINA

Brigada, querida. Tava sentindo falta desse carinho todo.

Luísa sorri.

LUÍSA

Vai lá, que já deixei a torneira ligada pra água ir descendo.

Marina sai e entra no banheiro.

Luísa segue até a cozinha, que é integrada com a sala. Ela pega três potes de dentro da geladeira e põe uma porção de cada um em três diferentes panelas. Liga o fogão e põe um pouco de azeite em cada panela, mexendo um pouco. Guarda os potes e se dirige até a sala. Pega o celular e abre o aplicativo de mensagem.

INSERT:

Na caixa de conversa entre Luísa e Vanessa: “mana, vou chegar um pouco tarde. Minha amiga acabou de chegar aqui. Como tá aí?”

Vanessa visualiza a mensagem e digita. Chega uma nova mensagem de Vanessa: “Aqui já tem muita gente, mas acho que demora até o caixão sair. Vô te avisando.”

Luísa digita: “valeu. bjo.” E envia a mensagem.

VOLTA À CENA

BARULHO DE COISAS PIPOCANDO NAS PANELAS

Luísa corre até o fogão e mexe a comida. Ela coloca um pouco de sal, mexe mais um pouco e desliga. Ela pega um prato em um armário e serve a comida junto com uma salada.

Marina volta com uma toalha na cabeça e um vestido vermelho. Luísa serve o prato na mesa e olha para Marina.

LUÍSA

Mana, tu não tem uma roupa branca não?

MARINA

Vixi, acho que nem pensei em trazer.

LUÍSA

Eu posso te emprestar então. É que a última vodunsi da Casa morreu e eu preciso ir lá.

MARINA

Ai, que triste...

LUÍSA

É, mas ela já tava velhinha e bem cansada... 91.

AGONTIMÉ

MARINA

Ah, mas toda morte é triste.

LUÍSA

Ó, mas pensei que tu podia ir comigo. De lá com certeza o povo vai fazer um tambor em homenagem a ela.

MARINA

Claro. Vamo sim.

Luísa vai até a cozinha, enquanto Marina guarda suas coisas na mala. Luísa pega talheres e um copo. Abre a geladeira e pega uma jarra de suco e leva tudo para a mesa. Marina tira a toalha da cabeça e esfrega o cabelo com ela.

LUÍSA

Vai comendo que vou pegar um vestido pra ti.

MARINA

Hmm. Ave Maria. Que banquete!

Luísa ri enquanto se dirige ao quarto. Marina se senta na mesa e começa a comer. Luísa volta com um vestido de renda branca. Marina olha o vestido e toca nele.

MARINA

Nossa, que maravilhoso!

LUÍSA

Pra ti, só roupa de rainha!

Marina segue comendo.

MARINA

Essa casa que a gente vai é a que tu frequenta?

LUÍSA

Não. Mas todas as casas respeitam muito essa casa, que é a mais antiga. Tá de pé ali desde 1817, eu acho. Foi fundada por uma rainha africana.

MARINA

Uau.

LUÍSA

É. Tu vais gostar. A casa é linda. Tipo uma casa anciã.

MARINA

Mas eu vou ter que fazer alguma coisa? Tu sabe que eu não sei nada dessas coisas de santo...

LUÍSA

Não. A gente fica de fora só acompanhando mesmo. Vai ter uma procissão. Aí a gente só segue. Tranquilo.

MARINA

Ok então.

Marina continua comendo. Luísa a observa.

LUÍSA

E tu? Como tá? Bem?

AGONTIMÉ

Marina suspira.

MARINA

Nem sei. Esses momentos estranhos da vida que a gente não sabe bem o que tá acontecendo dentro, sabe?

LUÍSA

E Maurício, como tá?

MARINA

Vixi. Não te contei? Acabamos. Faz tempo já. Uns seis meses.

LUÍSA

Eita! Jura? Que doidêra. Nunca ia imaginar.

MARINA

Hmm.

Marina termina de comer e toma um gole do suco.

MARINA

E você? Como tá?

LUÍSA

Tô levando. Depois da morte de Inácio ficou um vazio foda. Mas agora já to me acostumando. Os encatados me carregam, me aconselham, me mantêm viva.

Marina olha com empatia para a amiga.

LUÍSA

É. É bonito sim. É muito amor que a gente aprende nessa grande família de santo que a gente ganha.

Marina sorri.

MARINA

E, desculpa te perguntar sobre isso, mas a polícia descobriu alguma coisa?

LUÍSA

Nada. Já faz quase dois anos e tudo ficou no mesmo vazio.

MARINA

Dois anos? Tudo isso?

Luísa concorda com a cabeça baixa. Marina pega na mão dela.

MARINA

Desculpa não ter estado mais por perto nesse tempo.

A gente precisa aprender a cuidar mais uma da outra. Desculpa.

Luísa põe a mão na mão de Marina.

LUÍSA

Mas tu tá aqui agora.

Marina sorri. Luísa fica emocionada. As duas ficam um momento em silêncio. Luísa interrompe o momento.

AGONTIMÉ

LUÍSA

E aí? simhora?

Marina concorda com a cabeça e levanta arrumando os pratos na pia.

CORTA PARA.

CENA 28

EXT./ TERREIRO – SÃO LUÍS/ DIA

Várias pessoas vestidas de branco se reúnem em frente a uma casa de alvenaria com muitas portas e janelas, todas abertas. As pessoas se aglomeram nas janelas, tentando ver o que se passa do lado de dentro.

Marina e Luísa se aproximam do aglomerado de pessoas e observam. Mulheres mais velhas entram e saem da casa. Algumas delas choram, outras cochicham, outras continuam dançando, em completo transe.

SOM EM CRESCENDO DE TAMBORES, CANTOS E LAMENTOS

DIEGO (35), vestido de branco, caminha até as duas e cumprimenta Luísa com dois beijos no rosto.

DIEGO

Ei, mulher. Como tu tá?

LUÍSA

Bem. E tu?

DIEGO

Preocupado com Dona Celinha. Ela tá tristonha, tadinha. Disse que nem vinha.

Andréia Kaláboa & Tiago Lipka

LUÍSA

Como tá aqui?

DIEGO

O caixão demora ainda.

Luísa suspira e se vira para Marina, aproximando-a de Diego.

LUÍSA (*para Diego*)

Essa é Marina. Minha amiga de infância,
do tempo que morei lá em Curitiba.

Diego cumprimenta Marina.

DIEGO (*para Marina*)

Tudo bem?

Marina assente.

LUÍSA (*para Diego*)

Viste Vanessa por aí? Fiquei de encontrar
ela aqui.

DIEGO

Acho que ela já tá enfiada nas caixas com
Dona Menina. Vai lá.

*Diego aponta para um grupo reunido em um dos corredores
do lado de dentro da casa.*

LUÍSA

Beleza. A gente se encontra daqui a pou-
co. Parece que vai rolar tambor depois, né?

AGONTIMÉ

DIEGO

Ah, com certeza. Não iam deixar de fazer uma roda de homenagem pra velha.

LUÍSA

Tu vais?

DIEGO

Devo ir sim. Tô dependendo só de Dona Celinha. Vô ficar um pouco à disposição dela.

LUÍSA

Certo. Mande um beijo pra ela. Qualquer coisa a gente se vê mais tarde então.

DIEGO

Tá. Até mais.

Diego se despede e já começa a falar com outras pessoas.

RESPIRAÇÃO ENTRECORTADA, CANSADA

Luísa puxa Marina pela mão e a guia por meio da multidão até a entrada da casa. Marina sente um pouco de falta de ar, com todas as pessoas em volta, e solta a mão de Luísa, perdendo-a de vista.

Neste meio tempo, dois homens começam a brigar com um terceiro homem que, bêbado, grita e tenta entrar na casa. Eles batem no homem, que cai esbarrando em Marina, quase a derrubando no chão.

TERESA (52) abre a multidão, botando ordem.

TERESA

Podem parar já com isso aqui! Cês tão

doidos? A dona dessa casa tá num caixão ali dentro e vocês aqui brigando? Pelo amor de Deus! E esse aí: bebum! Façam o favor de dar uma comida pra esse rapaz e um copo de água!

As pessoas ficam sem reação.

Teresa olha para Marina, que está completamente perdida no meio da situação.

TERESA

Tu, menina, vem cá.

Teresa puxa Marina pelo braço e ela não resiste. Teresa conduz Marina pra dentro da casa junto com ela.

CORTA PARA.

CENA 29

INT. TERREIRO – SÃO LUÍS/DIA

SOM DE TAMBORES EM CRESCENDO

CANTOS BASTANTE PRESENTES E FORTES EM LÍNGUA FON

No meio do corredor, Teresa para e olha para os pés de Marina, indignada.

TERESA

Tira o sapato, pequena!
Sem graça, Marina tira os sapatos.

MARINA

Desculpa.

AGONTIMÉ

TERESA

Vem!

Marina segue Teresa, entrando em um quarto de paredes de tijolos aparentes e portas feitas com panos de chita. Ela não consegue ver o que se passa no salão principal. Elas chegam até a cozinha. Teresa pega um prato de latão e faz uma marmita grande com ele. Depois pega um copo também de latão e enche de água da torneira.

TERESA

Esse homem precisava era de um botijão de água pra ficar bom. Mas isso já serve.

CAMILA (15) entra às pressas na cozinha.

CAMILA

Ela tá vindo, madrinha.

Teresa entrega rapidamente o prato e o copo na mão de Marina e corre pra fora da cozinha, pela entrada contrária de onde entraram.

SOM DE TAMBORES E CANTOS FICAM MAIS FORTES

Marina, com o prato e o copo nas mãos, segue discretamente os passos de Teresa, saindo da cozinha para o salão principal.

FADE OUT.

CENA 30

INT./ TERREIRO – TERRAÇO INTERNO / DIA

SONS DE MURMÚRIOS E CÂNTICOS EM LÍNGUAS FON E IO-RUBÁ

FADE IN.

Uma fumaça se alastra por um canto um pouco escuro do terraço, iluminado por algumas velas no chão de terra batida. A mão de Camila passa pela sala segurando um defumador e difundindo a fumaça, revelando, na sua passagem, MÃE DULCE, uma senhora idosa (80), vestida de branco, que está sentada no chão. Seus pés envolvem uma bacia, onde ela lava uma cabaça, enquanto murmura uma canção quase inaudível.

Outras OITO SENHORAS IDOSAS, vestidas de branco, estão sentadas em volta de Mãe Dulce. Elas cantarolam e velam um caixão ao centro.

SOM DE UMA FORTE BATIDA DE TAMBOR

Do outro lado da sala, TRÊS HOMENS também vestidos de branco estão ao lado de um caixão aberto. Eles seguram três tambores de diferentes tamanhos.

Mãe Dulce, que ainda está sentada no chão lavando uma cabaça, entoia um canto mais forte, chamando os outros a acompanhá-la.

CANTO DE MÃE DULCE E DE OUTRAS QUE A ACOMPANHAM

Ela chora enquanto canta.

Marina os observa por um momento, mas começa a sentir uma falta de ar, com a fumaça que toma conta de todo o ambiente, e procura pela saída.

Enquanto anda, Marina sente suas pernas e corpo enfraquecerem, e coloca a mão na barriga. Ela se escora no corredor por um instante para retomar o ar. Pega os seus sapatos, ainda equilibrando o copo no prato de comida em uma mão e segue rumo à saída.

CORTA PARA.

CENA 31

EXT. TERREIRO – SÃO LUÍS/ DIA

Marina sai da casa com dificuldade.

Ela olha em volta e vê um grupo de pessoas reunidas em volta de uma mulher alta e muito bonita: AGONTIMÉ (40), pele preta, vestida com uma saia de tule rodada branca, com uma blusa dourada com barriga de fora, colares e pulseiras, óculos escuros, e o cabelo curto, cortado rente à cabeça.

As pessoas tentam chamar a atenção dela, que conversa com todos e ri com gosto.

Marina tenta se aproximar para vê-la melhor, mas as pessoas não deixam.

SOM DE CAIXEIRAS TOCANDO EM CRESCENDO E MULHERES ENTOANDO LADAINHAS

Marina olha para trás e percebe que cinco homens saem da casa carregando o caixão, enquanto várias mulheres se aproximam tocando caixas - instrumento de percussão típico do Maranhão - enquanto entoam cânticos funerários.

Marina abre caminho para eles.

Ela volta a olhar para Agontimé, que está se desvencilhando das pessoas e segue na direção contrária de onde estão levando o caixão.

Marina a observa, intrigada. Agontimé caminha sozinha.

Alguém segura no braço de Marina e ela se assusta, quase derrubando o prato de comida no chão.

Ela se vira e vê Luísa.

LUÍSA

Menina, onde tu estavas? Te procurei por todo o lado. Que comida é essa?

Marina olha para o prato em suas mãos e ri.

MARINA

Ah, é toda uma história...

Marina continua a olhar para Agontimé. Luísa percebe.

LUÍSA

Ela é maravilhosa, né?

Marina concorda com a cabeça.

LUÍSA

Tu tiveste sorte. Na primeira vinda a São
Luís tu já dá de cara com Agontimé!

Marina olha para Luísa e ri.

MARINA

Quem é ela?

LUÍSA

Ela é um mito!

Luísa ri.

LUÍSA

Ninguém sabe direito quem é essa mulher. Ela apareceu aqui há uns anos. Não conta nada da vida dela. E usa esse nome, que é o nome da rainha africana que fundou esta casa.

Tem gente que acredita que Agontimé é ela mesma, a tal da rainha. Dizem que ela nunca morreu. E que tava aqui só esperando a mais velha morrer pra poder voltar pra África.

AGONTIMÉ

Marina continua olhando Agontimé desaparecer de vista, abobada.

Luísa olha para a expressão de Marina e ri.

LUÍSA

Isso aí é falação de povo que não tem o que fazer. Mas que a mulher é maravilhosa, isso é. Aceitou o nome que deram pra ela, e se diverte às custas de gente como a gente, que fica besta, admirando a beleza dela. Tu precisas ver ela dançando! É um negócio!

Marina volta a olhar na direção onde Agontimé caminhava, mas ela já desapareceu.

MARINA

Ela é incrível.

Luísa sorri.

LUÍSA

Sim. E essa comida? Que queres fazer com isso?

Marina olha para o prato e depois à sua volta.

MARINA

Isso era para um homem que tava bêbado aqui. Mas não tá mais.

LUÍSA

Deve ter seguido a procissão. Vamos subindo a rua que tu acha ele.

MARINA

Vamo.

As duas seguem a multidão que sobe a rua entoando ladainhas atrás do caixão.

CORTA PARA.

CENA 31

EXT./INT. CASA DO MESTRE NHONHO/ NOITE

SOM DE TAMBOR E CANTOS BASTANTE PRESENTES; MULHERES GRITAM ENQUANTO DANÇAM

Luísa dança descalça e com saia rodada de chita em uma roda de tambor de crioula. Ali, no meio de muitas pessoas que cantam, dançam e bebem cerveja e cachaça, três homens tocam tambores de tamanhos diversos, ao lado de uma fogueira. Enquanto isso, mulheres se alternam dançando para os tambores.

Luísa dança muito bem.

VANESSA (34), vestindo uma regata branca e uma saia rodada de chita estampada, se aproxima de Luísa e as duas batem o umbigo de uma no umbigo de outra: a umbigada.

Elas dão um grito.

Luísa sai da roda e Vanessa assume seu lugar, segurando uma imagem de São Benedito na cabeça. Todos vibram quando ela dança.

Luísa se aproxima de Marina, que também veste uma blusa branca que deixa seus ombros expostos e uma saia rodada estampada de chita.

Marina se balança ao som da música, enquanto bebe uma cachaça. Luísa ri.

AGONTIMÉ

LUÍSA

Não vais nem tentar?

MARINA

Ah nada, fico com vergonha.

LUÍSA

Vai lá, mulher! Dá uma umbigada em Vanessa e tira ela de lá.

MARINA

Será?

LUÍSA

Claro. Vai lá!

Luísa empurra Marina e ela vai.

Marina se dirige ao meio da roda e espera Vanessa virar para ela. Vanessa gira, olha para ela, se aproxima e dá uma umbigada que quase derruba Marina, que morre de rir. Ela se apresenta para os tambores, fazendo reverência para cada um deles. Ela tem um pouco de dificuldade, erra alguns passos, mas aos poucos vai pegando o jeito.

Enquanto ela dança, alguém dá um grito.

ALGUÉM (fora de campo)

Ela chegou. Vai ter correria!

Várias pessoas começam a correr assustadas. Marina não entende o que está acontecendo. Os músicos param de tocar e se levantam.

Marina fica confusa, enquanto várias pessoas começam a correr de um lado para o outro. Marina decide correr também, tentando se esconder, mas não sabe muito bem para onde.

Ela corre para frente e vê que está encurralada em uma parede.

Ela olha para trás e vê Agontimé dançando, tomando conta de tudo, segurando na mão um pedaço de pau com fogo na ponta.

Ela dança enérgica com o fogo, sem nenhum medo. Todos correm dela.

Marina a acompanha com o olhar, até que ela desaparece em um canto e tudo fica escuro.

Quando Marina decide retornar para onde estavam todos, dá de cara com Agontimé, que segura o pedaço de madeira com a ponta em fogo agora apenas vermelha, em brasa.

Agontimé se aproxima rapidamente dela e Marina se assusta.

RESPIRAÇÃO OFEGANTE, CORAÇÃO PALPITANDO

Agontimé aproxima seu rosto bem perto ao de Marina, e coloca a madeira em brasa na boca, com os olhos brilhando, sem demonstrar nenhuma dor.

Marina começa a perder o ar.

Marina recua e se apoia na parede atrás de si.

Agontimé joga o pedaço de pau para longe, chega ainda mais perto dela.

AGONTIMÉ

Hoje tu vais ver a tua morte.

RESPIRAÇÃO COM LONGOS INTERVALOS, QUASE CESSANDO

Marina começa a suar.

Agontimé beija a sua boca, mordendo o seu lábio, que sangra.

Marina segura o braço de Agontimé com tanta força, que ele também sangra.

Agontimé se afasta dela e a observa por um momento. Marina está em um estado de quase desmaio.

CORTA PARA.

CENA 32

INT/EXT. MONTAGEM - VARIEDADE DE IMAGENS/ DIA (OU NOITE)

SONS DIVERSOS, MÚSICA ELETRÔNICA MISTURADA COM BATIDAS DE TAMBOR TRADICIONAIS DO BENIM E DO MARRANHÃO

Imagens em flashes muito rápidos, algumas imagens em slow motion e outras em ritmo acelerado:

Imagens do Benim: o mar de Ouidá, as paisagens naturais, as pessoas, as roupas e os costumes; o palácio de Abomey e suas esculturas e objetos do Reino do Daomé;

A Porta do Não retorno; Uma árvore Baobá;

O oceano;

Imagens de arquivo de rostos de pessoas escravizadas;

Correntes sobre peles pretas;

Sangue escorre sobre uma plantação;

Mulheres com os pés descalços, vestindo roupas brancas, dançam em cima de um campo de terra;

Um bebê nasce;

Uma família preta amorosa cuida desta criança;

Uma menina preta dança no meio de campo aberto, com muito verde em volta;

Marina na universidade.

CORTA PARA.

CENA 33

INT. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - SALA DE AULA/DIA

Marina assiste à aula de Janaína.

Ela está absorta em seus pensamentos mas procura anotar o que Janaína fala.

Andréia Kaláboa & Tiago Lipka

JANAÍNA (*fora de campo*)

“A solidão e o retorno sobre si mesmo não bastam; assim tampouco as exortações puramente religiosas. Deve ser feito com tanta frequência quanto possível um trabalho sobre a alma do detento. A prisão, aparelho administrativo, será ao mesmo tempo uma máquina para modificar os espíritos.”

Janaína olha para Marina.

CORTA PARA.

CENA 34

INT. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/DIA

Janaína caminha ao lado de Marina.

JANAÍNA

Eu gostei do seu ensaio, Ma. Achei bonito e ao mesmo tempo bem embasado.

MARINA

Brigada, Jana.

Janaína olha para ela.

JANAÍNA

Estou feliz de te ter de volta.

Marina esboça um sorriso, sem muito entusiasmo.

JANAÍNA

Acho que você vai gostar de ajudar neste trabalho.

AGONTIMÉ

MARINA

Se você acha mesmo necessário que eu faça trabalhos extras...

JANAÍNA

Acho sim. Por um senso, mais que tudo, de justiça com os seus colegas.

Elas entram em um corredor subterrâneo da universidade e viram em uma sala.

CORTA PARA.

CENA 35

INT. NAVIO - OCEANO ATLÂNTICO/DIA

Agontimé olha o mar.

VENTO SOPRA FORTE

O céu está carregado de nuvens. MICHEL (40), se aproxima dela. Ela olha para ele e suspira.

MICHEL (*em língua fon*)

Estamos quase chegando.

AGONTIMÉ (*em língua fon*)

Estou sentindo.

Michel a observa.

Um pelicano passa voando sobre eles com um peixe na boca.

Os olhos dele brilham.

Michel olha para ele.

Agontimé percebe e também olha para ele. O pelicano desaparece no horizonte.

Ela olha assustada para Michel. Ele faz uma cara de compaixão.

Ela começa a tocar a própria pele, sentindo o seu corpo.

AGONTIMÉ (em língua fon)

Michel?

Ela parece frágil e em real desespero. Michel, lentamente, se aproxima dela.

MICHEL (em língua fon)

Não se preocupe.

Agontimé tem lágrimas nos olhos.

Ela olha assustada para ele, parece desnorтеada.

AGONTIMÉ (em língua fon)

...isso que eu tô sentindo agora? Essa sensação estranha?

MICHEL (em língua fon)

Medo.

Ela fica atônita, olhando para ele. Ela sente-se subitamente mal.

SOM DE RESPIRAÇÃO OFEGANTE

Michel corre para segurá-la. Agontimé chora e se agarra a ele.

AGONTIMÉ (em língua fon)

E o que eu vou fazer com isso?

MICHEL (em língua fon)

Você vai voltar pra casa. É o que estamos fazendo agora.

AGONTIMÉ

AGONTIMÉ (*em língua fon*)
Você vai comigo?

Michel acena negativamente com a cabeça. Agontimé se desespera.

AGONTIMÉ (*em língua fon*)
E essa solidão?

Agontimé se levanta para ver o mar, confusa e ofegante.

AGONTIMÉ (*em língua fon*)
O que eu vou fazer aqui? Pra essa gente,
eu não existo mais.

Michel se levanta e se aproxima dela.

MICHEL (*em língua fon*)
Você existe. Tá aqui, na minha frente, com
tudo que te fez chegar até aqui. E agora,
finalmente, apenas mais uma mulher.

Agontimé chora copiosamente.

AGONTIMÉ (*em língua fon*)
Você não percebe, Michel? Isso já não é
mais possível. Eu já vi e vivi coisas demais.
Não sei mais ser “apenas uma mulher”...

Michel a abraça.

MICHEL (*em língua fon*)
Vai doer sim. Mas você vai aprender.

Ela chora nos braços dele.

CORTA PARA.

CENA 36

EXT. PORTA DO NÃO RETORNO - UIDÁ - BENIM/ DIA

Agontimé está vestida com uma saia comprida estampada, com uma fenda em cada perna; tênis branco sem meia, regata que deixa sua barriga à mostra, brincos e óculos escuros, além de uma mochila nas costas.

Ela caminha nas areias da praia de Uidá até chegar ao imenso monumento em forma de arco, erguido em homenagem aos milhões de pessoas que foram escravizadas e deportadas daquele território: A Porta do Não-Retorno. Nele estão entalhadas esculturas de pessoas acorrentadas.

Agontimé as observa.

Um grupo de turistas de várias nacionalidades se aproximam do monumento, encabeçado por um guia local.

GUIA *(em off - em inglês)*

Quando a rainha Agontimé seguiu rumo ao Brasil, escravizada por questões de disputas políticas na sucessão do trono do Daomé, todos achavam que ela jamais voltaria, que ela não resistiria à viagem e que morreria no caminho.

Agontimé atravessa o portal.

GUIA *(em off - em inglês)*

De alguma forma ela morreu; como rainha, como mãe e como sacerdotisa. Mas renasceu como uma outra mulher.

CORTA PARA.

CENA 37

EXT. ROTA DOS ESCRAVIZADOS - UIDÁ - BENIM/DIA

SOM DE TAMBORES AO LONGE

Agontimé segue caminhando por uma estrada de terra vermelha.

Nela, passam carros e pessoas, principalmente mulheres que carregam coisas nas cabeças e crianças que voltam da escola. Agontimé parece cansada e transpira muito, por conta do esforço físico.

Ela avista um enorme baobá ao longe, no fim da estrada.

GUIA (em off - em inglês)

Nua e acorrentada a outras pessoas, Agontimé foi obrigada a atravessar os 3,5km da Rota dos Escravizados, no final da qual ela precisava dar voltas em torno da árvore do esquecimento, deixando ali suas memórias, sua essência.

*VOZES DE PESSOAS FALANDO EM DIVERSAS LÍNGUAS
SOM DE TAMBORES*

Agontimé se aproxima do baobá, ao redor do qual, um ritual acontece, onde voduns dançam.

Ninguém parece notar a sua presença. Agontimé as observa.

CORTA PARA.

CENA 38

INT./EXT. PALÁCIO DE ABOMEY - DIA

O GUIA(30) caminha pelo Palácio de Abomey, uma estrutura

parecida ao Terreiro, mas muito maior. O chão é de terra batida e alguns poucos turistas passam por ali. Agontimé o segue.

GUIA (em inglês)

Todos pensavam que a rainha estivesse destruída. Mas o seu filho não desistiu de encontrá-la. Ele precisava dela aqui para assumir seu trono.

O Guia para por um instante. Agontimé olha para ele. Ele se dirige a um caminho contrário ao que estavam fazendo.

GUIA (em inglês)

Vamos por aqui, por favor.

Ele caminha à frente e Agontimé o segue.

Enquanto caminham, passam por um ritual de coroação, onde aproximadamente quinze mulheres estão prostradas à frente, ajoelhadas e com as testas encostadas no chão, diante de um homem obeso, com o dorso descoberto, um pequeno chapéu cônico na cabeça e um tipo de máscara de ferro cobrindo apenas seu nariz: o rei de Abomey.

Em volta dele, um homem segura um para-sol com motivos representativos das dinastias de Abomey, girando-o sempre em sentido horário, sem parar.

Outro homem lê em voz alta em língua fon os documentos de coroação.

Várias pessoas se reúnem em volta deles observando o ritual.

MÚSICA QUE PARECE VIR DE ALGUM SOM AO FUNDO: INSTRUMENTAL DE "ODARA ELEGBAÇA" DE METÁ-METÁ

O Guia e Agontimé seguem caminhando, deixando o ritual para trás e entrando em uma zona cheia de pequenos monumentos em um enorme terreno de terra batida.

AGONTIMÉ

GUIA (em inglês)

O rei encontrou sua mãe no Brasil, onde dizem que ela fundou uma casa de culto aos voduns. Ela foi uma grande sacerdotisa lá, como era antes aqui.

O Guia para diante de um monumento enorme, de forma circular, como uma pequena casa.

GUIA (em inglês)

Depois de muitos anos vivendo escravizada, a rainha voltou para seu lugar, onde reinou até sua morte.

Ela está enterrada neste túmulo.

Lágrimas de sangue escorrem pelo rosto de Agontimé enquanto ela contempla o monumento.

CORTA PARA.

CENA 39

EXT. RUAS DE BRASÍLIA/ NOITE

SOM NO FONE DE OUVIDO: PARTE CANTADA DA MÚSICA "ODARA ELEGBARA", DE METÁ-METÁ

RESPIRAÇÃO FORTE E RITMADA

Marina atravessa a cidade em sua bicicleta, com seus fones de ouvido.

Ela arregala os olhos, repentinamente, e puxa o ar com força.

SOM DE SUFOCAMENTO

CORTA PARA.

CENA 40

INT. CASA DE MARINA/ NOITE

Marina entra esbaforida em casa, deixando cair a bicicleta na entrada.

Ulisses aparece para ver o que está acontecendo. Ulisses corre para ajudá-la.

ULISSES

Quê isso, mana? Cê tá bem? Aquele cretino de novo?

Ulisses no sofá com ela.

Marina, sem fôlego, faz sinal negativo com a cabeça.

ULISSES

Ai, é uma crise? Sua bombinha?

Ulisses faz menção de sair para buscar a bombinha, mas Marina segura seu braço.

Marina tenta se levantar, quase sem ar, mas rindo.

MARINA

Não! Não! Não é doença não...

Ulisses se aproxima e se senta ao lado dela, com uma expressão de confusão no rosto.

Marina retoma um pouco de fôlego.

MARINA

Não sei como, mas senti um sopro na boca.

Ulisses continua olhando para ela, tentando entender. Marina ri e logo faz uma cara de dor.

AGONTIMÉ

MARINA

Uma alegria (*pausa*) angustiante...

CORTA PARA.

CENA 41

INT. CASA DE AGONTIME - PORTO NOVO - BENIM/NOITE SOM DE BATIDAS NA PORTA

NA VITROLA: ORCHESTRA BAOBAB

Em uma kitnet bastante simples, Agontimé está deitada em uma cama.

Cigarros e garrafas de gim pelo chão.

SOM MAIS FORTE DE BATIDAS NA PORTA

Com dificuldade, ela se levanta e vai até a porta.

Ela abre e vê TAYNA (27), cabelos longos e trançados até a cintura, um bonito batom vermelho nos lábios. Ela usa calça jeans, uma blusa justa e uma boina.

TAYNA

Posso entrar?

AGONTIMÉ

Português?

Agontimé se afasta da porta e Tayna entra, fechando a porta atrás de si.

Tayna analisa a casa de Agontimé.

TAYNA

Michel me mandou aqui. Disse que você estaria assim.

AGONTIMÉ

Assim como?

TAYNA

Com dificuldades para viver.

Agontimé acende um cigarro.

AGONTIMÉ

E o que você sabe sobre a vida?

Tayna a ignora e se senta, tirando a boina.

TAYNA

Muito pouco. (*Pausa*)

Eu sou agudá. Estou aqui porque meu pai quer te conhecer.

AGONTIMÉ

Agudás...

TAYNA

Retornados, como você.

AGONTIMÉ

Eu não sou retornada.

Tayna suspira.

TAYNA

Você vem jantar com a gente?

AGONTIMÉ

Por quê?

AGONTIMÉ

TAYNA

Você tem alguma coisa melhor pra fazer?

Agontimé olha para Tayna.

CORTA PARA.

CENA 42

INT./EXT. QUINTAL DA CASA DO SR. ALMEIDA - BENIM/ NOITE

MÚSICA AO VIVO: MARCHINHAS E SAMBA AGUDÁ; PESSOAS CANTAM E DANÇAM

Tayna estaciona a moto em frente a uma casa simples de muro branco, onde várias pessoas se aglomeram na porta, dançando e cantando em um português misturado com outras línguas tradicionais do Benim.

Agontimé, da garupa da moto, observa a cena.

As pessoas mais velhas estão vestidas com roupas que lembram a moda brasileira do início do Século XX.

Os mais jovens se vestem com roupas mais contemporâneas: calças jeans e camisetas; alguns se vestem com tecidos de wax print, típicos da região.

Todos cantam em português e ensaiam passos de samba.

TAYNA

Amanhã é carnaval. Estão ensaiando.

Tayna observa Agontimé, que olha para cada pessoa com certa tristeza e distanciamento, analisando seus gestos, suas danças, seus sorrisos.

TAYNA

Vamos? Estão esperando.

Tayna desce da moto e se dirige ao interior da casa. MÚSICA AUMENTA

Agontimé respira fundo e segue Tayna.

CORTA PARA.

CENA 43

INT/ CASA DO SR. ALMEIDA – PORTO NOVO / NOITE MÚSICA AO VIVO BASTANTE PRESENTE: SAMBA AGUDÁ

Tayna e Agontimé caminham para dentro da casa.

As pessoas começam a abrir caminho para elas, revelando uma roda no centro do quintal, onde um grupo toca instrumentos diversos, outros batem palmas em volta da roda, enquanto, de duas em duas, as pessoas entram no meio e dançam.

DOTOU (29) e ADJILÉ (27) tocam tambor, enquanto DUAS SENHORAS dançam na roda um tipo de samba típico do início do Século XX no Brasil.

As roupas de todas as senhoras presentes também lembram os trajes das senhoras brasileiras do início do século XX.

Ao ver Tayna entrando na casa, Adjilé faz um sinal para um RAPAÇ (20), que está batendo palmas ao seu lado, para que assumo seu posto de tocador de tambor.

O rapaz começa uma nova música, em uma batida mais forte e cadenciada que a anterior.

As duas senhoras que estavam no centro se sentam.

Adjilé assobia e faz um sinal para que Dotou o acompanhe. Dotou faz um sinal positivo para ele.

Adjilé puxa Tayna para a roda.

Agontimé tenta se integrar em meio às mulheres.

Tayna e Adjilé começam a dançar uma espécie de samba antigo, de forma bastante sensual, enquanto os instrumentos soam sem que ninguém cante nada.

AGONTIMÉ

ALMEIDA (60), um senhor muito enérgico e com um grande bigode no rosto, começa a entoar versos que as pessoas repetem em português.

ALMEIDA (*cantando em português*)
Minha mãe eu quero casar

CORO
Minha mãe eu quero casar

ALMEIDA (*cantando em português*)
Hoje, hoje!
Na festa do Bonfim.

CORO
Hoje, hoje!
Na festa do Bonfim.

Eles continuam cantando e Agontimé se aproxima das pessoas tentando vê-las melhor na penumbra da noite.

Tayna e Adjilé seguem dançando, chamando a atenção de todos.

Agontimé observa a dança dos dois enquanto as pessoas cantam e tocam juntas, em um ritmo lento e gingado.

Almeida faz um sinal para Adjilé, que deixa Tayna dançando sozinha no meio da roda.

Tayna olha para Agontimé e continua dançando. As duas trocam olhares.

Os movimentos de Tayna e o ritmo gingado, suave e repetitivo da música hipnotizam Agontimé.

Tayna encara Agontimé.

A música para repentinamente e Tayna sai de cena, desaparecendo.

Adjilé se aproxima de Almeida e fala algo em seu ouvido. Almeida olha para Agontimé e lhe sorri.

Agontimé lhe retribui com um leve sorriso.

Almeida começa outra música, mais rápida, mais próxima do samba brasileiro.

Adjilé e Dotou entram na roda.

Tayna se escora na porta de entrada da casa, ao fundo do quintal, enxugando o suor do rosto.

Agontimé observa Tayna de longe.

Algumas pessoas se aproximam de Tayna e falam com ela, que as responde tranquilamente.

Tayna não olha para Agontimé.

Almeida se aproxima de Agontimé com o pandeiro, cantando.

Agontimé olha distraidamente para ele e esboça um leve sorriso sem graça.

Almeida segue caminhando com o pandeiro pelas pessoas, fazendo apelo para que cantem junto com ele.

Agontimé volta a procurar Tayna com o olhar, mas ela já não está mais em seu campo de visão.

Almeida volta para o centro da roda e finaliza a música. Todos batem palmas.

ALMEIDA (em língua fon)

Obrigado, meus amigos! Não se esqueçam de pegar suas roupas para a festa de amanhã!

Todos batem palmas mais uma vez.

Algumas senhoras riem e fazem pequenos comentários entre si em português.

Algumas pessoas começam a sair, se despedindo, animadas com o ensaio.

Almeida se aproxima de Agontimé e lhe dá um grande abraço.

Agontimé se assusta com o afeto.

ALMEIDA (em português com muito sotaque)

Você hoje janta conosco, sim?

AGONTIMÉ

Agontimé fica sem graça.

AGONTIMÉ

Não. Preciso voltar pra casa.

ALMEIDA

Mas você está em casa...

Tayna se aproxima e lhe sorri.

Agontimé olha para ela, hesita por um instante, e logo concorda com a cabeça.

Todos se dirigem para dentro da casa.

CORTA PARA.

CENA 44

INT. CASA DE AGONTIMÉ - PORTO NOVO/NOITE

MÚSICA NA VITROLA: "RAY M'BELE" DE ORQUESTRA BAO-BAB

Na luz de penumbra, Tayna e Agontimé se beijam. Agontimé tira a blusa de Tayna, enquanto a beija.

Tayna tira o vestido de Agontimé, deixando-a completamente nua: seu corpo é todo marcado por escarificações e cicatrizes de todos os tipos.

Tayna beija e lambe suas marcas.

Agontimé tem uma marca em forma de círculo nas costas, exatamente como a do braço de Marina.

A marca brilha na penumbra do quarto. Agontimé e Tayna transam.

CORTA PARA.

CENA 45

INT. BOATE - BRASÍLIA/ NOITE

MÚSICA "PASS THIS ON", THE KNIFE

Marina veste uma calça de pantalonas vermelha, toda aberta nas laterais, um top verde, cabelos soltos, brincos largos, maquiagem de purpurina e sandália de plataforma prateada. Ela dança, como nunca, com força, enfurecida, suando, de olhos fechados.

A marca em forma de círculo em seu braço brilha com as luzes neon da boate.

CORTA PARA.

CENA 46

INT. CASA DE AGONTIMÉ - BENIM/NOITE

NO SOM: UMA VERSÃO REMIX ELETRONICA DA MÚSICA "RAY M'BELE" DA ORCHESTRA BAOBAB, QUE SE MISTURA COM BATIDAS DO CARNAVAL AGUDÁ

Agontimé fuma, nua, na janela, enquanto Tayna dorme na cama. Ela observa a noite.

Ela olha para frente, como se pudesse ver alguma coisa diferente ali, e sorri.

Agontimé ri com vontade.

CORTA PARA.

CENA 47

INT. BOATE - BRASÍLIA/NOITE

NO SOM: UMA VERSÃO REMIX ELETRONICA DA MÚSICA

AGONTIMÉ

*"RAY M'BELE" DA ORCHESTRA BAOBAB, QUE SE MISTURA
COM BATIDAS DO CARNAVAL AGUDÁ*

*Marina subitamente abre os olhos, como se tomada por algo
atravessando o seu corpo todo, e sorri.*

*Marina gargalha enquanto dança sozinha, liberta e feliz. As
luzes neon da boate atravessam seu corpo.*

*BATIDAS CADA VEZ MAIS ELETRÔNICAS SE MISTURAM ÀS
BATIDAS AGUDÁS*

CORTA PARA.
TELA PRETA

CARTELA:

*No Benim, ninguém sabe ao certo em qual túmulo se encontra
o corpo da Rainha Agontimé.*

*Acredita-se que ela nunca viveu mais que seis meses no Brasil.
Ela teria sido levada de volta por seu filho, o Rei Guêzo, assim
que ele chegou ao poder.*

FADE OUT.
TELA PRETA
FADE IN.

CARTELA:

*Em 1952, o antropólogo francês Pierre Verger apresentou
documentos comprovando que a Rainha Agontimé foi a fun-
dadora da Casa das Minas, um dos mais antigos terreiros do
Brasil, onde ela teria vivido por muitas décadas.*

FADE OUT.
TELA PRETA
FADE IN.

CARTELA:

Nenhum registro da sua morte nunca foi encontrado, nem no Brasil, nem no Benim.

FADE OUT.
TELA PRETA
CORTA PARA.

CENA 48

EXT. RUAS DE PORTO NOVO/DIA

MÚSICAS AO VIVO: MARCHINHAS E SAMBA AGUDÁ

No meio das ruas de Porto Novo, centenas de pessoas desfilam em um carnaval de rua, seguidos por uma orquestra de fanfarra.

Todos estão fantasiados, dançam e cantam em um português misturado a muitas línguas tradicionais do Benim. O carnaval toma as ruas, parando o trânsito.

CRÉDITOS FINAIS PRINCIPAIS

Tayna vai à frente da passeata, fantasiada de rainha europeia bastante caricata, segurando uma bandeira do Brasil, ao lado de Adjilé, vestido de arlequim, que segura uma bandeira do Benim.

Ela ri e dança feliz.

Agontimé caminha no meio das pessoas. Ela dança discretamente e sorri.

Ela canta em português acompanhando o coro.

CORTA PARA.

CRÉDITOS FINAIS

FIM

